

### 3 Sexo, drogas, poesia e rock'n'roll.

A década de 80, como já vimos, representou o momento de maior destaque para as bandas de rock brasileiro, tanto que foi chamada de BRock por Nelson Mota. Naquele momento, inúmeros grupos se destacaram, entre eles Barão Vermelho e Legião Urbana. Ambos tiveram um papel de extrema importância para o cenário roqueiro da época, tanto no aspecto musical quanto no social.

O rock dos anos oitenta trouxe para o cenário musical uma nova experiência – baseada no *do-it-yourself* punk – que deixava de lado o virtuosismo das canções da década de setenta, cheia de metáforas, e começava a tratar de assuntos comuns àquela geração de maneira clara, numa linguagem acessível. Tudo isso embalado pelo ritmo corpóreo e dançante herdados de suas raízes negras. À tribo roqueira importava colocar para dançar e pensar, ao mesmo tempo.

No entanto, podemos dizer que o sucesso alcançado pelo Barão Vermelho e pela Legião Urbana se deu especialmente pelas letras compostas por Cazuza e Renato Russo. Ambos os grupos não eram exceções nem apresentaram grandes particularidades na maneira de fazer rock'n'roll em relação aos outros da mesma época. Foram as composições que fizeram a diferença. A “pegada” roqueira dessas bandas unida ao lirismo das letras de seus compositores e vocalistas, sem dúvidas, deu a sua música um leitmotiv poético que os tornou distintos dos demais grupos de rock.<sup>7</sup>

A música rock foi – e ainda é – feita para um público jovem, pois trata de problemas comuns a esse universo juvenil. Para falar a qualquer tipo de grupo é preciso que se fale a “mesma língua” deste grupo. Isto é, emissor e receptor devem estar no mesmo nível do discurso; caso contrário, a mensagem não se fará compreender. Cazuza e Renato Russo conseguiram dialogar com seu público de maneira muito especial, pois, através de suas composições, “falavam a língua” dos fãs, mas de modo extremamente poético.

Não entramos, ainda, na discussão se música é ou não poesia – até mesmo porque acreditamos que ambas estabelecem uma relação não-hegemônica e

---

<sup>7</sup> Não que as outras bandas fossem completamente desprovidas dessa característica. Os Titãs também são um bom exemplo da união (ou antes, relação) entre música e poesia. No entanto, há toda uma aura de mitificação em torno de Renato Russo e Cazuza de maneira tão ascética, que nos chamou a atenção e que de certo modo justifica a escolha dos dois.

encontram-se num espaço não-hierárquico (embora a crítica canônica assim o queira), dialogando e interagindo. Aprofundaremos essa questão a posteriori.

O que nos importa nesse momento é entender (e até justificar) a relação de reciprocidade, estabelecida entre músicos e fãs, na qual ambos eram atraídos por um processo de identidade. Para tanto, a abordagem do tema limitado ao campo literário não nos dará subsídios necessários à nossa concepção. São necessárias também algumas considerações teóricas para a compreensão desse processo de recepção e identificação do público roqueiro para com a música e os músicos do rock.

Recorremos à teoria da literatura empírico-construtivista apontada pelo teórico alemão Siegfried Schmidt, criador do NIKOL, grupo de pesquisa formado em 1972, na Universidade de Bielefeld. A partir da teoria de Schmidt, podemos chegar a uma (possível) explicação de como e por que ocorre essa identificação.

Schmidt vai buscar suas fontes principalmente na tese do Construtivismo Radical, de Humberto Maturana. Para os construtivistas radicais, os sistemas vivos são auto-organizadores, o que faz a vida ser idêntica à auto-poiese. Desta forma, os sistemas vivos são dotados de cognição e interação não só com o mundo externo como também internamente. Porém, o processo de interação não se dá fora daquilo que já esteja previsto pela organização do próprio sistema. Esta organização determina a auto-poiese que, por sua vez, é fruto de uma construção de estruturas cognitivas e não de uma cópia de mundo.

O que há de mais radical nesta teoria é o conceito de que não existe uma realidade anterior àquela construída pelo sujeito. Tudo o que vivemos é constituído daquilo legitimamente nosso. O homem cria o mundo como ele (homem) é. O nosso conhecimento depende do ambiente, mas o sujeito é quem efetivamente constrói o mundo.

Na teoria construtivista radical, os modelos de construção da realidade se aproximam daqueles já apontados por Berger e Luckman, em que a realidade se apresenta como algo interpretado pelo indivíduo e é, subjetivamente, dotada de sentido e na qual o *eu* participa com suas experiências compartilhando-as com as experiências do *outro*. Neste modelo, que envolve o sujeito e sua cognição, seus interesses e suas motivações, os sistemas vivos interagem e desta interação é que resulta a comunicação.

O sujeito é então um ser construtor de sentidos. Uma mensagem é recebida pelo outro de maneira que este outro construa o seu significado com base em determinado contexto prévio, ou seja, de acordo com seu (re)conhecimento de mundo. Além disso, o objeto estético – neste caso, a música rock – é recebido, assimilado e reproduzido pelo sujeito não isoladamente, mas inter-relacionado com os sistemas acionais da sociedade. Esta construção de sentido é, por sua vez, semelhante à construção da identidade.

A questão agora extrapola o campo musical, indo para o campo social. Ou seja, ao criar esses laços de identidade, músicos e fãs estão imbuídos daquele sentimento neotribal assinalado por Goli Guerreiro. No neotribalismo, os vínculos são estabelecidos através de um sentimento empático, determinado por emoções, sentimentos e ambiências comuns, fazendo com que os indivíduos formem assim uma nova espécie de agregação social.

Portanto, a relação de empatia entre fãs e o Barão Vermelho e a Legião Urbana, na realidade, era fruto de uma identificação direta que estes fãs mantinham com seus músicos Cazuzza e Renato Russo. Ambos, ao comporem suas canções, ao mesmo tempo em que pareciam falar de si mesmos, tinham a capacidade de serem universais. Ou será que ninguém mais, em algum momento, foi “exagerado” ou quis uma “ideologia para viver”, além de Cazuzza? E, além de Renato Russo, nunca ninguém se perguntou “será que vamos conseguir vencer”?

Cazuzza e Renato Russo, como a maioria dos compositores de sua geração, nasceram sob a repressão do regime militar. Com a abertura política da década de oitenta unida a espaços culturais disponíveis, ao maior alcance da mídia eletrônica e a uma juventude igualmente recém-saída da ditadura militar, esses jovens encontraram solo fértil para extravasar musicalmente seus sentimentos e suas angústias.

Este fato só vem ratificar as idéias de Schmidt relacionadas à necessidade de se identificar os sistemas que atuam na sociedade e que estão envolvidos na produção e na recepção do objeto estético – neste caso, na relação música–artistas–fãs.

Antes de entrarmos neste aspecto sócio-ideológico de Cazuzza e Renato Russo e na poética de suas canções propriamente dita – matéria dos capítulos posteriores –, faz-se necessário saber como tudo começou. Para tanto, falemos um

pouco da historiografia dos grupos dos quais estes poetas da palavra cantada faziam parte: o Barão Vermelho<sup>8</sup> e a Legião Urbana.

### 3.1

#### O vôo do Barão

Aconteceu nos dias 5, 6 e 7 de novembro de 1981 a 21ª Feira da Providência, no Riocentro, pavilhão de exposições localizado entre a Barra da Tijuca e Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. O grupo Barão Vermelho foi formado com o único objetivo de tocar na Feira. A banda ensaiou durante duas semanas na garagem da casa de Maurício, no bairro de Rio Comprido. No entanto, a apresentação não aconteceu por um problema técnico: os organizadores esqueceram-se de providenciar um aparelho de amplificação. Um show de rock sem amplificador é algo inimaginável!

O Barão Vermelho<sup>9</sup> foi formado, como a maioria das bandas de rock, a partir do encontro de amigos de escola. Pertenciam à banda o tecladista Maurício Carvalho de Barros, o baterista Flávio Augusto Goffi Marquesini, o Guto, o guitarrista Roberto Frejat, e André Palmeira Cunha, o Dé.

Faltava ao grupo um vocalista. Chegaram a testar o goiano Léo Jaime para a função, entretanto o cantor achou o som da banda pesado demais e indicou um colega que fazia, junto com ele, o curso de teatro de Perfeito Fortuna. O amigo era Agenor Miranda de Araújo Neto, o Cazuzo.

A empatia foi recíproca. Mesmo após o não-ocorrido show da Feira da Providência, o grupo decidiu continuar tocando e Cazuzo começou a mostrar suas letras, que logo eram musicadas por Frejat. Começou aí a parceria mais homogênea do BRock e que era a base do Barão. Deram tão certo que continuaram mesmo após a saída do compositor e intérprete, seguindo até que a morte os separassem.

O som do Barão Vermelho, especialmente a guitarra de Frejat, aproximava-se muito das origens negras do rock, do *rhythm'n'blues* oriundo das mãos

<sup>8</sup> O recorte feito da história do Barão Vermelho diz respeito ao período em que Cazuzo fez parte da banda. No entanto, é preciso que se faça um breve registro da situação da banda pós-Cazuzo, uma vez que, diferentemente da Legião Urbana, o grupo existe até os dias atuais.

<sup>9</sup> A idéia deste nome veio de uma caracterização feita pelos quadrinhos do Snoop de um piloto que estava sempre travando batalhas aéreas com o Barão Vermelho, Manfred von Richthofen, o famoso ás voador alemão da Primeira Guerra Mundial.

escravas. Cazuza, nascido no berço da MPB – o pai, João Araújo, era diretor da gravadora Som Livre, por esta razão, o convívio com grandes nomes da música popular brasileira era inevitável –, também se identificava com a música negra, especialmente o *blues*. Era um admirador de Billie Holiday e Janis Joplin. Desta forma, a união foi (quase) perfeita.

O fato de Cazuza ser filho de diretor de gravadora não interferiu nem em sua entrada nem no sucesso alcançado pelo grupo. Primeiro, porque os outros membros da banda só ficaram cientes deste fato depois que o cantor já estava no Barão. Segundo, porque João Araújo se recusava a gravar o LP do próprio filho, com receio de passar por nepotismo.

Antes de gravar o primeiro disco, o Barão fez apresentações por quase todos os palcos disponíveis do Rio de Janeiro. A estréia, na verdade, nem chegou a ser numa casa de shows; aconteceu no playground do condomínio Dei Fiori, na Barra da Tijuca e foi um fiasco: a banda era barulhenta demais e Cazuza, para piorar, se apresentou completamente bêbado. O que conseguiram arrancar da pequena platéia foram muitas vaias e impropérios.

Todavia, o grupo adorou a (má) recepção de estréia. Para uma banda de rock'n'roll, aquele estranhamento causado era uma espécie de aval, era um modo daqueles jovens músicos entenderem que estavam no caminho certo. A intenção era mesmo fazer muito barulho, pois, afinal de contas, estamos falando da música “bárbara” e não da “arte superior”.<sup>10</sup> E o fato de Cazuza apresentar-se bêbado, constituía a personificação da atitude anárquica e contracultural típicas do comportamento rocker.

Foi através do produtor Ezequiel Neves que o Barão Vermelho teve a oportunidade de gravar o seu primeiro LP, que, por ironia do destino, saiu pela gravadora Som Livre, a do pai de Cazuza. Isso porque Ezequiel, coincidentemente pertencia a mesma gravadora de João Araújo.

O primeiro contato de Zeca – como era chamado o produtor – com o Barão Vermelho foi quando ouviu uma fita demo gravada por Cazuza, ali mesmo na garagem do Rio Comprido onde ensaiavam. Zeca ouviu a fita juntamente com três

---

<sup>10</sup> Entende-se por música “bárbara” “aquela de ritmos pulsantes e melodias repetitivas, som-ferramenta a movimentar a engrenagem simbólica de povos africanos, orientais e americanos”. A “arte superior” é aquela que possui “grandezas melódicas e exuberância harmônica”. (Diniz, 2000, p. 238)

amigos, Leonardo Netto – na época sócio de Nelson Motta no “Noites Cariocas”, uma programação que acontecia no Morro da Urca, um dos locais no qual todas as bandas iniciantes sonhavam em tocar –, Wagner Baldinato – técnico de som e cenógrafo – e a jornalista Regina Echeverria. A fita havia sido entregue nas mãos de Leonardo pelo próprio Cazuzza.

Tirando a má qualidade da gravação, todos viram naquela banda um potencial enorme. Ficaram impressionados com o estilo bluseiro, com o som sujo e visceral e, especialmente, com os versos escritos por Cazuzza. A partir deste momento, Ezequiel fez de tudo para ajudá-los, até mesmo convencer João Araújo a gravar a banda do filho.

Já como produtor do grupo, Zeca levou-os para os estúdios da Som Livre para gravarem o seu primeiro LP, durante as primeiras semanas de maio de 1982. “Barão Vermelho”, o disco, foi lançado em 27 de novembro daquele ano e foi recebido com elogios pela mídia, que viu na banda um profissionalismo que faltava naquele mercado roqueiro. Além disso, o Barão Vermelho foi a primeira banda de rock brasileiro a ter sua música bem próxima dos jovens da sua faixa etária. “O Barão foi o primeiro porta-voz de sua geração e, neste sentido, a primeira banda do BRock, o rock brasileiro que chegou (em grande estilo) ao disco na década de 80.” (Dapieve, 1996, p. 68)

O show de lançamento aconteceu no Circo Voador, o berço do BRock, na noite de 4 de dezembro. Ao show estiveram presentes várias personalidades da MPB, como Caetano Veloso. Essa presença seria de extrema importância, como veremos mais tarde.

Constavam do LP “Barão Vermelho” as canções *Posando de star*, *Down em mim*, *Conto de fadas*, *Billy Negão*, *Certo dia na cidade*, *Rock’n geral*, *Ponto fraco*, *Por aí*, *Todo amor que houver nessa vida* e *Bilhetinho azul*. Era um disco que falava basicamente de amor, ou melhor, do sofrer por amor. Até mesmo a faixa *Billy Negão* – a história de um bandido carioca, da Baixada Fluminense, que daria uma ótima crítica social – era uma dor-de-cotovelo só, revelada nos versos “A turma da Baixada sabe que eu sou durão / Eu só marco touca é com o coração”.

Havia ainda a clássica *Todo amor que houver nessa vida*, que, mais tarde, seria regravada por vários intérpretes, inclusive pelo próprio Cazuzza, em sua

carreira solo. Esta canção seria também responsável pelo reconhecimento ainda maior da qualidade do Barão Vermelho.

Apesar de toda qualidade das músicas, o disco era muito mal gravado, mas, mesmo assim, foi muito bem aceito pela crítica. No entanto, não representou um sucesso de público e não teve uma vendagem expressiva.

Quando dissemos anteriormente que a presença de Caetano Veloso no show de lançamento do disco seria determinante para o reconhecimento do grupo, isso se deve ao fato de que, em junho de 1983, durante o seu show “Uns”, Caetano cantou *Todo amor que houver nessa vida*, que, naquele espetáculo, havia escutado e adorado. E não parou por aí, ainda teceu comentários elogiosos a respeito da banda e de Cazuza, dizendo que se tratava do “melhor poeta de sua geração”.

A partir desse momento, o Barão Vermelho passou a existir. Era como se fosse necessário o aval de um grande nome da MPB para que a banda pudesse ser aceita. A esta altura, o grupo estava gravando o seu segundo LP, que chegou às lojas em agosto daquele ano.

“Barão Vermelho 2” chegou cheio de expectativas. O grupo, mais maduro e mais experiente, acreditava no sucesso do segundo trabalho. Estavam com um novo produtor – ao lado de Ezequiel, é claro –, Andy Mills, que exigia um perfeccionismo enorme dos músicos, atitude que Cazuza detestava.

Mesmo com a aprovação de Caetano, o apoio da mídia e todo o esforço de se fazer um trabalho de melhor qualidade, o Barão não emplacou nas rádios, que eram a porta aberta para o sucesso com o grande público. *Menina mimada*, música de trabalho, não era considerada comercial, por essa razão, as rádios recusavam-se a tocá-la.

Além de *Menina mimada*, estavam em “Barão Vermelho 2” *Intro*, *O que a gente quiser*, *Vem comigo*, *Bicho humano*, *Largado no mundo*, *Carne de peixe*, *Pro dia nascer feliz*, *Manhã de sonho*, *Carente profissional* e *Blues do iniciante*.

Veio então o segundo avalista. Desta vez foi Ney Matogrosso quem deu a força que faltava para o Barão decolar. Ao ouvir *Pro dia nascer feliz*, Ney foi até a casa de Cazuza pedir para gravar a música. Ele negou enfaticamente, pois, depois do fracasso de *Menina mimada*, aquela seria a música de trabalho do Barão. Mas a insistência e a determinação do outro foram tão grandes, que Cazuza acabou cedendo. Com essa atitude, Ney tornou-se a fada-madrinha do grupo e

provou que o Barão Vermelho poderia sim ser um sucesso comercial, como queriam as rádios.

Afinal veio o reconhecimento: as rádios, após tocarem a versão de *Pro dia nascer feliz* na voz de Ney Matogrosso, trocaram-na pela do Barão. Desta forma, a banda começou a ser conhecida do grande público, o que lhes proporcionou um significativo – mas ainda tímido – aumento no número de discos vendidos,

O show de lançamento de “Barão Vermelho 2” aconteceu no Teatro Ipanema, em abril de 1983. Como no evento de apresentação do primeiro álbum, entre os fãs anônimos estavam os fãs-estrelas, como a atriz Bruna Lombardi e a cantora Marina.

Quanto ao conteúdo, o segundo “Barão” seguia os mesmos passos do primeiro. Nele, as canções continuavam falando de amor, permaneciam naquela que Cazuzza chamava de “temática da contramão” de amar sempre a pessoa errada. O que dizer dos versos finais (e do título) de *Carente profissional* que diziam “Um coração dependente / Viciado em amar errado”?

Em maio de 1984, a banda viajou para São Paulo para uma série de shows. Durante a turnê, o jornal *A Folha de São Paulo* publicou uma matéria sobre o Barão Vermelho, na qual havia a ficha técnica dos membros da banda. Ao ser perguntado sobre qual era o seu vício, Cazuzza respondeu “todos”. Isso soou como um alerta para a polícia, uma vez que relação drogas e rock, para muitos, é indissociável.

Se foi por esta razão ou se foi por uma denúncia não se sabe. O fato é os policiais do DEIC – Departamento Estadual de Investigações Criminais – deram uma batida no quarto de Ezequiel Neves, no hotel Hilton, à procura de drogas e diziam estar procurando o “filho do homem” (provavelmente Cazuzza). Não encontrando nada, os policiais foram aos quartos de Guto, Dé e Maurício; nada encontraram também. Foram então ao quarto de Cazuzza, que dormia. Mais uma vez, a busca foi frustrada. Como uma banda de rock’n’roll não tinha drogas? Até que Guto resolveu dizer que tinha duas pedras de maconha. Pronto. Era o que bastava para todos irem para o DEIC, prestar depoimento. Todos menos Cazuzza, por não terem encontrado nada em seu quarto. Revoltado, numa atitude anárquica, resolveu também acompanhá-los à delegacia, uma vez que não se conformava de, logo ele, o louco emblemático e romântico da banda, não ser preso.

Quando foram liberados, após pagar fiança, seguiram para o show no ginásio do Ibirapuera. O público, que já havia sido noticiado sobre o ocorrido através do “Jornal Nacional”, da TV Globo, não poderia ter reagido diferente. Atiravam cigarros de maconha no palco como forma de protesto, indignados com a prisão do grupo. Barão Vermelho e fãs, definitivamente, falavam a mesma língua.

Entre o segundo e o terceiro discos, em meados de 1984, o Barão Vermelho foi convidado a fazer a trilha sonora e a participar do filme *Bete Balanço*, do diretor Lael Rodrigues. O filme, protagonizado pela atriz Débora Bloch no papel de Bete, foi um sucesso de bilheteria e projetou a banda ao estrelato. O grupo gravou um compacto com as canções do filme. De um lado estava a canção homônima *Bete Balanço* e, do outro, *Amor amor*.

Após o lançamento do compacto, foi a vez de “Maior abandonado”, o terceiro LP da banda, ser gravado, em julho de 1984. Lançado em setembro do mesmo ano, o disco não fugiu à característica lupiciniana<sup>11</sup> das letras de Cazuza. No entanto, o disco teve uma das primeiras letras do compositor tratando de temas sociais. *Milagres* trazia os versos “A fome está em toda a parte / Mas a gente come / Levando a vida na arte”. E ainda denunciava “Que tempo mais vagabundo / Esse agora / Que escolheram pra gente viver”. Todavia, o letrista só iria embarcar de vez nos temas sociopolíticos a partir do segundo disco de sua carreira solo, como veremos adiante.

Além da política *Milagres*, faziam parte do repertório de “Maior abandonado” a canção que dava título ao disco, *Baby Suporte*, *Sem vergonha*, *Você parece com todo mundo*, *Não amo ninguém*, *Por que a gente é assim?*, *Narciso*, *Nós*, *Dolorosa* e *Bete Balanço*.

O Barão Vermelho era, enfim, uma banda de sucesso tanto de crítica quanto de público. Isso pode ser visto e sentido na primeira edição do Rock in Rio Festival, em janeiro de 1985. O evento, como já vimos, foi um importante divulgador e consolidador do rock nacional, não só porque nele as bandas brasileiras tinham a oportunidade de mostrar seu trabalho, como também provou

---

<sup>11</sup> Lupicínio Rodrigues, compositor e intérprete da década de 30, era um grande ídolo de Cazuza, que conheceu ainda menino, através dos pais. Lupicínio ficou conhecido pela maneira “dor-de-cotovelo” ao falar de amor, a qual foi herdada por Cazuza.

ao mundo – uma vez que grupos internacionais também se apresentavam – que o Brasil era capaz de organizar um festival tão grandioso.

Cazuza e companhia fizeram duas apresentações, nos dias 15 e 20, as quais tiveram enorme repercussão. Dividiram as noites com renomes do rock internacional, como Nina Hagen e Scorpius, e da música popular brasileira, como Gilberto Gil. Durante essas duas apresentações foi gravado o disco “Barão Vermelho Ao Vivo”, que só seria lançado em 1992.

No dia 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil após eleições indiretas. Era o primeiro civil a estar na presidência após a ditadura militar. Para anunciar o fato ao público, num gesto ufanista que ficara marcado na história do BRock, Cazuza enrolou-se na bandeira nacional e, ao encerrar o show com *Pro dia nascer felix*, proclamou: “Que o dia nasça lindo para todo mundo amanhã. Um Brasil novo. Uma rapaziada esperta!”.

As apresentações no Rock in Rio proporcionaram ao grupo excursões por todo o Brasil. O sucesso da banda tanto que eles ganharam seu primeiro disco de ouro por 100 mil cópias vendidas de “Maior abandonado”.

A banda caminhava para a gravação do quarto LP quando, na véspera da renovação do contrato do Barão, Cazuza resolveu abandonar o grupo. Na verdade, esta atitude foi o limite de um relacionamento que já vinha se desgastando devido ao temperamento difícil e às atitudes transgressoras do compositor. Além disso, Cazuza era portador daquela “síndrome do filho único” que detestava dividir as coisas com alguém. Certamente não estava preparado para dividir o sucesso com o restante do grupo.

Mas não era só isso. O poeta do rock, desde o início da carreira ao lado do Barão, declaradamente não entendia de rock’n’roll e nem era esse o seu estilo favorito. No entanto, admitia que

“*Rock é a música do século 20. Tudo é rock. O que não é rock é o acomodado, o que não reclama.*” Daí, ele mergulhou de boca no rock, trazendo para o som do Barão um estilo de letra que misturava o grito dos algodoais do Mississippi com a dor-de-cotovelo do Lupiscínio. (Chediak, 1990, v. 1, p. 24)

Contudo, a porção MPB e a alma samba-canção falaram mais alto. Cazuza queria um projeto só seu, no qual pudesse dar vazão a todo seu ecletismo musical e pessoal. Tanto que não abandonou o rock, apenas deu-lhe um outra roupagem, que fosse mais adequada ao estilo cazuzesco de ser.

Os integrantes do Barão foram pegos de surpresa quando Cazuzza anunciou que deixaria a banda. Eles, inclusive, já haviam decidido o repertório daquele que seria o quarto LP. Nas palavras de Frejat “era como se tivéssemos sido (maiores) abandonados no meio do caminho”. (Araújo, 2004, P. 191)

Dos males, o menor. Apesar da separação, compositor e banda dividiram seus repertórios, a gravadora Som Livre continuou com o Barão (pelo menos até o quarto disco) e lançou Cazuzza em sua carreira solo. Além disso, o guru Ezequiel Neves continuou a produzir o grupo. Mágoas superadas, a parceria de Cazuzza e Frejat seguiu tanto na carreira de um como do outro. Nos discos do Barão havia letras de Cazuzza e nos de Cazuzza, músicas de Frejat.

Com a saída de Cazuzza, Frejat passou a ser o vocalista do Barão Vermelho. Antes do tão esperado quarto LP, gravaram uma faixa, *Torre de Babel*, para um especial da TV Globo. Era uma maneira da banda dizer que havia sobrevivido mesmo sem Cazuzza.

“Declare guerra”, o quarto LP da carreira do Barão, veio em abril de 1986 e não teve a repercussão esperada. Era um disco de qualidade, no entanto, quase não houve divulgação por parte da gravadora – o que fez com que o grupo abandonasse a Som Livre. Além disso, o disco apresentava graves problemas de prensagem.

Mas os Barões continuaram decolando. Assinaram contrato com a gravadora Warner e, em 1987, lançaram “Rock’n geral”. Vale ressaltar que o produtor, amigo e guru Ezequiel Neves acompanhou os músicos nessa nova empreitada.

Em 1988, já sem Maurício Barros, que deixou o grupo para seguir, como Cazuzza, projetos pessoais, foi lançado o sexto álbum do grupo, “Carnaval”, que trazia a faixa *Pense e dance*, incluída na trilha sonora da novela Global “Vale Tudo”. Isso trouxe uma divulgação enorme, ocasionando um sucesso ainda maior. O Barão fechou o ano fazendo o show de abertura da turnê de Rod Stewart no Brasil. Além de Fernando Magalhães, que substituiu Maurício, entrou para o grupo o percussionista Peninha.

Em 1990, o Barão Vermelho participou do Hollywood Rock e foi considerado o melhor grupo nacional do festival. Neste mesmo ano, a banda sofreu mais uma perda. Desta vez o baixista Dé deixou (ou foi deixado, há as duas versões) o Barão e foi substituído por Dadi, ex-integrante dos Novos Baianos e do A Cor do Som.

Ainda em 1990, a banda gravou o oitavo disco, “Na Calada da Noite”, escolhido em 1991, por unanimidade de público e crítica da revista Bizz, como o melhor Disco do Ano. No entanto, o lançamento do LP coincidiu com a morte de Cazuza. Vale ressaltar que neste disco estava a faixa *O poeta está vivo*, parceria de Frejat e Dulce Quental. A música acabou se tornando uma espécie de réquiem pelo ex-vocalista, abafando outros possíveis sucessos do álbum.

Entre os anos de 1990 e 2001, o Barão gravou ainda mais cinco discos, entre eles “Supermercados da vida”, “Puro êxtase” e o eletro-acústico “Balada MTV”. Durante este tempo, a banda havia diminuído o peso de suas músicas, primando por uma melodia mais sutil.

Em 1990 receberam o Prêmio Sharp, como a melhor banda de rock do ano. Em 1992 participaram da segunda edição do Holywood Rock e, novamente, o Prêmio Sharp, como melhor grupo de rock.

Em 2001, apresentaram-se no Rock in Rio 3 – Por um Mundo Melhor. Logo após, o Barão Vermelho faz uma pausa para seus integrantes desenvolverem projetos paralelos.

Em 2004, eles lançaram “Barão Vermelho”, um resgate do puro rock’n’roll do início de carreira, estourando canções pelas rádios de todo o Brasil, como *Cuidado* e *A chave da porta da frente*.

O Barão Vermelho, atualmente, é formado por Roberto Frejat, guitarra e voz; Fernando Magalhães, guitarra; Rodrigo Santos, baixo; Guto Goffi, bateria; e Peninha, percussão. Nos shows, contam ainda com a participação especial de Maurício Barros, nos teclados.

Com 23 anos de carreira e 15 CDs gravados, a banda provou que está mais viva do que nunca e que sua qualidade musical é suficiente para manter o Barão Vermelho como um dos nomes mais importantes do rock nacional desde o BRock até os dias de hoje.

### **3.2 Religião Urbana**

Não podemos falar da história da Legião Urbana se não falarmos do Aborto Elétrico, uma vez que aquela é fruto deste. A banda Aborto Elétrico foi formada em 1978, por Renato Russo, André Pretorius e Fê Lemos. Mais tarde, entraram

Flávio Lemos – irmão de Fê –, que assumiu o baixo para deixar Renato mais livre para cantar, e Ico Ouro Preto – irmão de Dinho Ouro Preto, futuro vocalista do Capital Inicial, banda também nascida do Aborto Elétrico –, assumindo temporariamente o lugar de André Pretorius. Ico, entretanto, apresentou-se pouquíssimas vezes com o grupo.

Naqueles anos 70 o movimento punk estava sendo gestado em várias partes do mundo. A essência do movimento punk estava “numa volta às raízes proletárias do rock’n’roll, nascido da contracultura instintiva de negros e brancos”(Dapieve, 2000, p. 29). No entanto, à mídia interessava apenas explorar o lado folclórico do movimento, criando o estereótipo punk: calças rasgadas, cabeças raspadas ou com cabelos muito coloridos, alfinetes por toda parte do corpo, correntes, entre outros adereços pouco comuns.

A atitude punk – *do-it-yourself* – agradava em época de governo militar, na qual todos ansiavam pela abertura política e viam nela uma esperança de devolver o poder às mãos do povo. O movimento punk representava, subversivamente, esse poder adquirido.

A cidade de Brasília, nesta época, estava repleta de filhos de diplomatas, estrangeiros e brasileiros e de professores universitários. Muitos deles viviam numa miniquadra dentro da Universidade de Brasília, chamada Colina, que era destinada a abrigar os professores que ali residiam.

Como as opções de lazer eram restritas, os jovens da Colina se reuniam para fazer música, trocar idéias e informações, gerando uma cultura própria, influenciada pelo ideário anárquico do movimento punk. Assim se formou a Turma da Colina. Da “Turma” faziam parte não só os jovens que ali residiam, como também moradores de outras partes da cidade que convergiam para lá, atraídos pelos mesmos ideais.

Nesse contexto nasceu o Aborto Elétrico. Na verdade, o grupo sequer chegou a gravar um LP, no entanto, foi no berço desta banda que foram criados os músicos das futuras Legião Urbana e Capital Inicial. No Aborto Elétrico, Renato Russo compôs sua primeira canção, *Geração Coca-Cola*, música extremamente imbuída dos propósitos anarquistas de herança punk.

A banda surgiu num meio social peculiar. Os jovens componentes do grupo eram de classe média alta. Isto significa dizer que eram bem-nascidos, bem-informados e longe de serem alienados. Todos, em alguma ocasião, já haviam

morado fora do país, eram extremamente “anteados” com o mundo lá fora e aqui dentro. A propósito, o Aborto Elétrico fora utopicamente formado para lutar contra o regime militar.

Sem nenhum disco gravado, mas com alguns shows realizados pela cidade de Brasília, o que restou do grupo foram mesmo as canções gravadas posteriormente pela Legião Urbana – como *Geração Coca-Cola*, *Que país é este*, *Conexão Amazônica*, *Tédio (com um T bem grande pra você)* – e pelo Capital Inicial – *Música urbana*, *Veraneio vascaína*, *Fátima*. Além de outras que ficaram inéditas, como *Anjos mortos*, uma homenagem ao baixista dos Sex Pistols, Sid Vicious, que morreria aos 21 anos, de superdose de heroína.

Aliás, a morte de Sid Vicious abalou as estruturas do Aborto Elétrico. A banda – e especialmente Renato – era fã dos Sex Pistols e idolatrava Vicious. Com sua morte, o Aborto Elétrico passou de punk a pós-punk, aproximando-se mais da *new wave*, o que fez o grupo perder um pouco da sua essência.

Esse fato coincidiu com a saída de André Pretorious. Este era essencialmente rebelde e sem ele a banda também perdera um pouco da agressividade característica do punk.

Além desses dois acontecimentos, Renato e Fê Lemos tinham personalidades muito fortes, o que ocasionava inúmeras discussões entre os dois. Certa vez, num dos shows do Aborto Elétrico, Renato chegou na metade e ainda errou a letra de *Veraneio vascaína*. Fê, irritado, jogou-lhe uma baqueta em cima. Após a apresentação, Renato disse que sairia do grupo. Mas não saiu. Isso só aconteceu mesmo depois de mais um desentendimento entre os dois músicos, quando Fê Lemos rejeitou a letra de *Química*, composta por Renato Russo. Na virada de 1981 para 1982, o Aborto Elétrico acabou.

Com o fim do grupo, Renato Russo embarcou numa carreira solo como Trovador Solitário. Cantando ao violão, Renato abria os shows das outras bandas da Turma da Colina. Longe do punk barulhento do “Aborto”, este período foi de extrema importância para o aprimoramento do compositor e do músico Renato Russo.

Todavia, o período de introspecção musical não durou muito. O próprio Renato não agüentou aquela espécie de exílio ao qual ele mesmo se submetera e convidou o músico Marcelo Bonfá para tocarem juntos um novo projeto. Bonfá era baterista e com Renato no baixo trataram de ir à busca de um guitarrista.

Convidaram Eduardo Paraná, que tinha um problema sério que mais tarde iria interferir no seu futuro com a banda: tocava bem demais. Isso era um problema porque, embora a nova banda a ser montada tivesse um som mais sofisticado, o espírito punk ainda pairava pelo ar. Um guitarrista bom demais poderia significar um excesso de virtuosismo e Renato e Bonfá eram contra.

Porém, como já dissemos, o propósito era fazer uma música mais elaborada do que as do tempo do Aborto Elétrico. Assim, Eduardo Paraná se tornou o guitarrista da banda. A essa altura o grupo já tinha um nome: Legião Urbana. Logo o trio se tornou um quarteto, agregando Paulo Paulista Guimarães, tecladista.

Foi com essa formação que a Legião Urbana fez sua primeira apresentação em público, a 5 de setembro de 1982, na cidade de Patos de Minas. A banda participou do festival Rock no Parque, no Parque de Exposições da cidade. Neste mesmo festival, apresentou-se o conterrâneo da Legião, Plebe Rude. Terminadas as apresentações, quase todos foram detidos – Marcelo Bonfá, que percebera a encrenca ficou de longe. Nada demais, apenas aqueles roqueiros de calças rasgadas eram muitos suspeitos e foram presos para averiguações.

Nascia aí aquele que seria um dos mais importantes grupos de rock brasileiro de todos os tempos. Arriscamo-nos a dizer de todos os tempos, pois, apesar de ter surgido na década de 80 e terminado com a morte de Renato Russo, em 1996, não é difícil vermos hoje, quase 10 anos depois, jovens que praticamente nem conheceram a Legião Urbana cantando suas música, especialmente as mais antigas, como *Tempo perdido* e *Faroeste cabloco*. E aquele que deveria ser o hino da geração de Renato – *Geração Coca-Cola* –, não ficou contextualizado só ali; continua atual e é também o hino de uma geração que, mesmo após a tão sonhada abertura política, parece ainda buscar sua identidade.

Contudo, essa primeira formação não foi definitiva. Não tardou muito para Eduardo Paraná e Paulo Paulista deixarem seu virtuosismo aflorar. Desta maneira, os dois acabaram saindo do grupo. Paraná, por exemplo, foi estudar violão clássico em São Paulo e, mais tarde, fazia música instrumental sob o nome Kadu Lambach.

Renato e Bonfá decidiram colocar apenas um guitarrista na banda e escolheram Ico Ouro Preto. No entanto, no início de 1983, um mês antes da apresentação mais importante da vida da Legião até então, Ico deixou o grupo

pela mesma razão que havia deixado o Aborto Elétrico um ano antes: medo de palco.

O grupo se preparava para fazer sua apresentação no festival que aconteceria no auditório da Associação Brasileira de Odontologia. Pela primeira vez, as bandas teriam um equipamento de som profissional para se apresentarem e, também pela primeira vez, seriam cobrados ingressos.

Renato e Bonfá convidaram, às pressas, Dado Villa-Lobos, que mal sabia tocar guitarra. O estudante de Ciências Sociais da UnB não titubeou: aprendeu nove músicas em três dias e fez o show. Foi com esse trio – Renato Russo, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos – que se cristalizou a Legião Urbana.

O trio ensaiou por um mês antes das apresentações no festival da ABO, compondo boa parte das músicas durante esse tempo. Do repertório ensaiado para a apresentação no festival, saíram muitas músicas que, mais tarde, marcariam presença no primeiro LP do grupo. Eram rocks ainda imbuídos da força punk, porém com letras mais elaboradas e maduras.

Paralelamente a este acontecimento, os Paralamas do Sucesso, banda carioca que tinha em sua formação dois conterrâneos da Colina – Herbert Viana e Bi Ribeiro –, gravaram o seu primeiro compacto com as músicas *Vital e sua moto* e *Patrulha noturna*. Isto era motivo de orgulho e estímulo para as bandas novatas e para Renato Russo não era diferente. Ele sabia que a vida da Legião dependia daquela apresentação na ABO.

O evento reuniu as bandas co-irmãs Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude – as duas últimas com mais tempo de formação. No entanto, apesar de toda familiaridade, existia competição entre os grupos e a caçula Legião acabou levando a melhor, saindo vencedora do festival. Muitos atribuíram essa vitória a Renato Russo, tanto pelas composições quanto pelo seu trabalho como vocalista da banda.

Logo após, os Paralamas do Sucesso gravaram seu primeiro LP, com composições de Renato Russo, como *Química* e *O que eu não disse*, parceria dele com Herbert e Barone. Além disso, ajudavam a divulgar o trabalho dos amigos tocando em seus shows *Ainda é cedo* e *Veraneio vascaína*. Assim, a Legião começou fazer shows em São Paulo e no Rio de Janeiro, antes mesmo de gravar seu primeiro LP. Se Caetano Veloso e Ney Matogrosso foram as fada-madrinhas

do Barão Vermelho, os Paralamas, igualmente, contribuíram para a divulgação da Legião fora de Brasília.

Como já dissemos, Rio de Janeiro e São Paulo formavam, junto com Brasília, o eixo roqueiro da década de 80 e era no Rio que estavam os dois veículos que mais ajudaram na propagação do BRock: o Circo Voador e a Rádio Fluminense FM. No Circo, em 23 de julho de 1983, a Legião Urbana realizou o seu primeiro show na capital carioca, sendo recebidos elogiosamente pela imprensa. (Cf. França, 1983, p. 08) Paralelamente, neste mesmo ano, começou a tocar na Rádio Fluminense uma fita demo do grupo com as canções *Geração Coca-Cola* e *Ainda é cedo*.

Após apresentações no Rio e em São Paulo, já no início de 1984, a banda chegou a ser convidada para a gravadora EMI-Odeon para gravar um compacto. No entanto, dois fatores fizeram com que o grupo recusasse o convite: primeiro, porque a gravadora queria transformá-los numa banda *country* (logo os punks de Brasília!); segundo, porque se demorou muito até que fosse arranjado um produtor que entendesse e respeitasse o estilo da Legião. Depois de muitos cogitados, o escolhido foi o jornalista José Emílio Roudeau.

A esta altura, a Legião deixara de ser um trio e passara a quarteto, com a entrada de Renato Rocha, mais conhecido como Negrete ou Billy. Negrete já era um velho conhecido dos tempos de Brasília e entrou na banda para assumir o baixo no lugar de Renato Russo. Ao fazer isso, Renato ficaria mais livre para cantar e, além do mais, ele precisava mesmo de um substituto, pois, numa crise de depressão, havia cortado os pulsos.

Foi com esta formação – Renato Russo, Marcelo Bonfá, Dado Villa-Lobos e Negrete – que a banda gravou “Legião Urbana”, seu primeiro LP, sem nenhum compacto predecessor. O disco foi lançado em janeiro de 1985, às vésperas do Rock in Rio – um dos maiores eventos musicais do país. Por esta razão, com as atenções voltadas para o megaevento, o disco sofreu um anonimato de cerca de seis meses. Porém, passado esse período, o LP começou a tocar faixa a faixa nas rádios e transformou-se em um grande sucesso em muito pouco tempo.

Estavam em “Legião Urbana” as músicas *Será*, *Petróleo do futuro*, *Ainda é cedo*, *Perdidos no espaço*, *Geração Coca-Cola*, *O reggae*, *Baader-Meinhof Blues*, *Soldados*, *Teorema* e *Por enquanto*. Com exceção de *Ainda é cedo*, uma canção de amor, o disco era marcado por canções de teor sociopolítico. Essa politização

do primeiro LP tinha muito a ver com a origem punk do grupo. O ideal *do-it-yourself* ainda era presente nas composições de Renato Russo e nas músicas da banda. Além do mais, no disco havia uma herança dos tempos do Aborto Elétrico, *Geração Coca-Cola*, que se tornou o lema e o tema de toda uma geração.

O disco era um espelho do país daquele início de 85, na sua tentativa de resgate político. Estava sendo eleito o primeiro presidente civil após o regime militar. Por esta razão, o clima era de total esperança no crescimento do país.

Mesmo o ecletismo do seu repertório – as músicas abordavam crises adolescentes, descasos das autoridades, discursos sobre drogas e violência – não tirava o seu caráter majoritariamente político em decorrência de suas letras de clara denúncia social.

Suas músicas logo ocuparam os primeiros lugares nas rádios, fazendo com que o disco vendesse dez vezes mais do que as esperadas cinco mil cópias. O sucesso fez com que, em 1985, a banda se mudasse de vez para o Rio de Janeiro, lugar onde Renato Russo havia passado parte de sua infância. A mudança era para que o grupo ficasse mais próximo da sede da gravadora, além dos veículos de comunicação que lhes abriam as portas para o sucesso, como o Circo Voador e a Rádio Fluminense FM, além da Rede Globo, na qual o grupo se apresentou através do programa do Chacrinha. No Rio, a Legião fez shows em quase todos os palcos disponíveis.

As músicas do primeiro LP ainda estavam sendo deglutidas – e degustadas! – pelos fãs quando, na virada de julho para agosto de 1986, o segundo disco foi lançado. A esta altura, “Legião Urbana” já havia atingido a marca das cem mil cópias vendidas. Com esse sucesso estrondoso e inesperado, “Dois” – o segundo LP – tinha a responsabilidade de atender a muitas expectativas.

A banda evitou repetir o teor sociopolítico do primeiro trabalho. “Dois” era mais subjetivo, introspectivo, já a partir de sua capa, que trazia a foto de um casal de costas olhando para o mar (foto de Ico Ouro Preto, o quase guitarrista do Aborto Elétrico e da Legião Urbana, que havia se tornado fotógrafo).

O repertório do segundo disco mostrava um amadurecimento tanto das letras de Renato Russo quanto dos instrumentais de Dado, Bonfá e Negrete. Passaram de punks a pós-punks, com muitos violões e teclados. Faziam parte deste LP as músicas *Daniel na cova dos leões*, *Quase sem querer*, *Acrilic on canvas*, *Eduardo e Mônica*, *Central do Brasil*, *Tempo perdido*, *Metrópole*,

*Plantas embaixo do aquário, Música urbana 2, Andrea Doria, Fábrica e “Índios”.*

Com exceção das canções *Metrópole, Fábrica e “Índios”*, que eram as mais parecidas com as do primeiro álbum, as demais eram de um lirismo romântico, daqueles que obedecem à regra de que o mocinho precisa passar por muitos obstáculos para ter um final feliz com sua amada. Tanto que a música que logo caiu no gosto popular foi *Eduardo e Mônica*, herança dos tempos do Trovador Solitário. Segundo Arthur Dapieve (2000, p. 79),

a sensibilidade de Renato em tratar os relacionamentos amorosos só encontra paralelo no modo como Chico Buarque encara suas personagens femininas. Mais do que uma canção de amor, *Eduardo e Mônica* era uma canção amorosa. Amorosa e gentil. Coisa de menestrel medieval, de gentil-homem.

Com “Dois”, os shows da Legião Urbana passaram das casas noturnas aos ginásios poliesportivos, tamanho era o número de fãs que a esta altura já haviam apelidado o grupo de Religião Urbana. Tudo o que Renato Russo e os demais componentes do grupo não queriam era admitir o rumo messiânico que a Legião estava tomando. No entanto, os jovens haviam escolhido Renato para ser seu porta-voz tanto no que dizia respeito tanto à política quanto ao amor.

Quando tudo parecia bem – excursões pelo Brasil, oitocentas mil cópias vendidas, quase todas as músicas tocando nas rádios – todo o fanatismo dedicado à banda começou a ter conseqüências sérias. Após um show no ginásio poliesportivo Nilson Nelson, de Brasília, em dezembro de 1986, vinte pessoas ficaram feridas e uma menina morreu. Este acontecimento fez com que o grupo, literalmente, parasse para refletir. Após uma pausa nos trabalhos, a Legião só voltaria à confecção do terceiro LP sob pressão da gravadora EMI.

Gravar o repertório que fazia parte deste novo disco não deu muito trabalho. Após a cobrança por parte da gravadora, em apenas duas semanas, em outubro de 1987, a Legião registrou as nove músicas de “Que país é este 1978/1987”. Isso porque parte delas já estava pronta desde a época do Aborto Elétrico e outras foram herdadas do Trovador Solitário. Estavam nesse LP as músicas *Que país é este, Conexão Amazônica, Tédio (com um T bem grande pra você), Depois do começo, Química, Eu sei, Faroeste caboclo, Angra dos Reis e Mais do mesmo.*

Já pelo título, “Que país é este 1978/1987” mostrava a que vinha. Diferentemente de “Dois”, o terceiro LP do grupo resgatava a crítica sociopolítica que foi marca do primeiro trabalho. *Que país é este* – a faixa título – trazia em

seus versos “Nas favelas, no senado / Sujeira pra todo lado / Ninguém respeita a constituição / Mas todos acreditam no futuro da nação”. Ao serem acrescentados os anos “1978/1987” fica clara a denúncia de que, em dez anos, todos ainda acreditavam que “o Brasil é o país do futuro...!”.

Toda esta euforia política das letras de “Que país é este” só fez aumentar a aura messiânica que rondava a Legião, especialmente Renato Russo. Até mesmo porque nos shows, entre uma música e outra, Renato fazia discursos clamando pela conscientização sociopolítica de seu público.

A excursão de lançamento do LP foi um sucesso, tanto que animou a banda a se reapresentar em Brasília, local onde não se apresentavam desde o lamentável episódio ocorrido no ginásio Nilson Nelson, em 1986. Desde então, o grupo mantinha uma relação meio de amor e ódio com a sua cidade natal.

O tão esperado show em Brasília aconteceu no dia 18 de junho de 1988. E junto com ele ocorreu aquilo que era mais temido por todos: um novo incidente. Desta vez, as proporções foram trágicas: um saldo de sessenta pessoas detidas, trezentas e oitenta e cinco feridas e sessenta e quatro ônibus depedrados. A causa exata para este terror envolvendo a banda e os fãs não se pode precisar. No entanto, o falho esquema de segurança armado pelos organizadores do evento contribuiu muito.

Entre público e banda havia apenas uma frágil cerca a separá-los. O palco era muito baixo, de modo que todo tumulto ocorrido na chamada “turma do gargarejo” atingia a banda. Como o show havia atrasado em mais de uma hora, a platéia já se encontrava eufórica. Objetos eram jogados no grupo, um doente mental invadiu o palco e deu uma gravata em Renato Russo, bombinhas estouravam ao lado dos integrantes da banda. Conclusão: não havia mais como continuar o show.

Por conseqüência, toda a responsabilidade foi colocada em cima da banda (mesmo com os ônibus terem sido depedrados antes do show), que teve que se defender das acusações de terem incitado os jovens à violência, depois de agredir e agredir a cidade. Assim, a Legião teve de ficar um bom tempo longe dos palcos de Brasília. E não só isso: teve também de se recusar a se apresentar em locais que não oferecessem o mínimo de segurança, o que causou uma espécie de superprofissionalização do grupo.

Todo esse transtorno fez com que a banda novamente tomasse outro rumo no seu próximo trabalho. Segundo palavras do próprio Renato Russo, ele tinha pavor de se repetir: “Não estou a fim de falar de enchentes, Aids, governo. Quero cantar canções de amor, baladas íntimas, musiquinhas pra cantar junto. Já desisti de fazer músicas pra salvar o mundo.” (In Dapieve, 2000, p. 99)

Durante o tempo de gravação do quarto LP, Negrete foi convidado por Renato a se retirar da banda. Isso porque os ideais do baixista não eram mais compatíveis com os projetos do grupo. Negrete tinha a alma rudimentarmente punk, o que não o deixava acompanhar os desejos de amadurecimento e refinamento musical do grupo. Quando não chegava atrasado, faltava às reuniões da banda, estava sempre alheio às composições musicais, além dos constantes atritos com Marcelo Bonfá.

O trio que dera origem à Legião Urbana, então, resolveu gravar um LP que não atendesse às expectativas de fãs e crítica, numa espécie de auto-boicote. Na verdade, era uma tentativa de por um fim à onda de messianismo que a banda insistia em rejeitar, mas que a esta altura já era inquestionável.

Entretanto, o feitiço virou contra o feiticeiro e “As quatro estações”, lançado em novembro de 1989, já chegou às lojas com 450 mil cópias vendidas e logo se tornou o disco mais vendido da história da Legião Urbana.

O público dera lugar ao privado; as denúncias sociopolíticas deram lugar aos questionamentos sobre amor, ao misticismo, às reflexões interiores. Novamente a Legião tornara-se mais lírica, graças às composições introspectivas e subjetivas de Renato Russo. São do quarto LP as músicas *Há tempos*, *Pais e filhos*, *Feedback song for a dying friend*, *Quando o sol bater na janela do seu quarto*, *Eu era um lobisomem juvenil*, *1965 (Duas tribos)*, *Monte Castelo*, *Maurício*, *Meninos e meninas*, *Sete cidades* e *Se fiquei esperando meu amor passar*.

Mesmo com toda a serenidade e toda a referência mística (*Quando o sol bater na janela do seu quarto*), bíblica (*Monte Castelo*) e poética (*Monte Castelo*)<sup>12</sup> encontradas no disco, as turnês de “As quatro estações” continuavam atraindo multidões atrás do seu Messias. As letras de Renato estavam cada vez

<sup>12</sup> As letras fazem, respectivamente, referência ao livro *A doutrina de Buda*, de Bukkyo Dendo Kyokai; à *Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios*; e aos versos do *Soneto*, de Luís de Camões.

mais auto-referenciais e ainda assim representavam a voz de uma massa jovem, que, se em outro momento via na Legião uma maneira de expor os seus questionamentos sociais, agora estava ardorosa por explicações existenciais.

A excursão de “As quatro estações” seguiu Brasil afora e teve um momento marcante, no Rio de Janeiro. A banda tinha um show marcado para o dia 7 de julho de 1990, no Hipódromo da Gávea, dia da morte do cantor e compositor do Barão Vermelho, Cazuzá. Como era de se esperar, a banda prestou uma bonita homenagem ao músico: “Todos do Legião gostariam de dedicar o show ao Cazuzá”, disse Renato, que incorporou à música *Soldados* versos de *Faz parte do meu show* e *Blues da piedade*, ambas de Cazuzá.

Dois anos e muita turbulência separaram “As quatro estações” do disco “V”, o quinto LP da Legião. Em março de 1990, tomou posse o primeiro presidente eleito pelo voto direto, depois de 21 anos de ditadura militar, Fernando Collor de Mello. E já nos primeiros dias de governo, o Brasil sofria as conseqüências de uma política equivocada que pretendia acabar com a inflação, congelando por um ano e meio todas as aplicações financeiras, além de contas correntes e cadernetas de poupança.

Como todo o Brasil, os membros da Legião, que pertenciam à classe média – a mais atingida –, também sofreram com o golpe. Renato, por exemplo, planejava comprar um apartamento e teve que adiar o sonho.

Além da turbulência política e econômica, houve a turbulência da vida pessoal. No final deste mesmo ano, Renato Russo é internado por problemas com drogas e descobre ser portador do vírus HIV. Apesar do terror pelo primeiro impacto da notícia, Renato logo se reergueu e mergulhou em seu trabalho.

Se seu processo de composição já era intenso antes, agora tornara-se uma questão de sobrevivência. Pela lógica como vinham sendo os trabalhos da Legião, esperava-se que “V” fosse um disco político, preocupado com questões sociais, diferente de “As quatro estações”. No entanto, o quinto LP do grupo conseguiu ser político e pessoal. Ao mesmo tempo em que denunciava as mazelas sociais, refletia o momento delicado pelo qual Renato passava.

Lançado em dezembro de 1991, “V” trazia em seu repertório *Love song*, *Metal contra as nuvens*, *A ordem dos templários*, *A montanha mágica*, *O teatro dos vampiros*, *Sereníssima*, *Vento no litoral*, *O mundo anda tão complicado*, *L'âge d'ore* e *Come share my life*.

Neste trabalho, mais do que em qualquer outro, Renato Russo fez questão de escrever canções que fossem atemporais. Segundo ele mesmo disse,

“Eu me preocupo em fazer um texto que daqui a 200 anos, se a pessoa pegar, não vai precisar de nota de rodapé. [...] Isso foi uma coisa com que sempre me preocupei, que aprendi com Drummond e Pessoa, não querendo me comparar, é claro.” (*In Dapieve, 2000, p. 126-127*)

Além disso, as intenções de Renato para com a preparação da turnê de lançamento do disco mostravam o crescimento musical pelo qual a banda passava. Renato queria os shows como uma espécie de ópera rock. Para tanto, foram comprados novos equipamentos de som, luz e efeitos.

No entanto, a Legião entrava numa fase bastante difícil, na qual, apesar de todo investimento e toda a qualidade dos shows, uma onda de sofrimento permeava a todos no grupo. Toda a concepção cênica das apresentações só fez aumentar ainda mais a adoração mística que perseguia a banda. Ao mesmo tempo, Renato entrava numa fase de isolamento e de autodestruição, se drogando e bebendo muito, mesmo tendo conhecimento de ser portador do vírus da Aids. A situação tornou-se tão extremada que, por decisão de Renato, a turnê de “V” foi encerrada antes mesmo do esperado, com shows ainda marcados.

No ano seguinte, em meados de dezembro, foi lançado o álbum duplo ao vivo “Músicas p/ acampamentos”, o qual reunia músicas gravadas entre 1984 e 1992. O disco registrava, além de outras, músicas como *Ainda é cedo*, *A dança*, *Fábrica*, *Eu sei*, “Índios”, *Faroeste caboclo*, *Há tempos*, *Pais e filhos* e *O teatro dos vampiros* – uma coletânea de canções encontradas do primeiro ao último disco da Legião.

O sexto disco inédito veio em novembro de 1993, sob o título de “O descobrimento do Brasil”. Pelo teor das canções e pelo contexto histórico pelo qual passava o país – a nação emergia da era Collor, deposto do governo em 29 de dezembro de 1992 –, o descobrimento do qual falava tanto poderia ser o achado de um novo país quanto o descobrimento da verdadeira situação do país, ou seja, a sua realidade desnuda.

A letra de *Prefeição*, por exemplo, era um retrato fiel dessa realidade que se mostrava amargurada, revoltada, contudo, otimista. Seus versos iniciavam-se com “Vamos celebrar a estupidez humana / A estupidez de todas as nações / O meu país e sua corja de assassinos / Covarde, estupradores e ladrões”. Na seqüência, seus versos pediam que celebrássemos a “estupidez do povo, da polícia e da

televisão” e do “nosso Estado, que não é nação”. No entanto, a mensagem de otimismo era dada ao final da canção quando dizia “Nosso futuro recomeça: / Venha, que o que vem é perfeição”.

Apesar do resgate de toda essa denúncia sociopolítica – o disco era o oposto de “V” –, as letras de “O descobrimento” eram acompanhadas por canções melódicas, baladas, *pop songs*, como definiria Dado Villa-Lobos. Da herança punk permanecia ainda a ideologia anárquica, entretanto a roupagem era mais sofisticada.

Paralelamente, Renato Russo emplacou um projeto solo. Gravou o disco “The Stonewall celebration concert”, no qual cantava 21 canções em língua inglesa. Segundo Arthur Dapieve (2000, p.144), as razões que levaram Renato a optar pelo inglês foram

- a) evitar boatos sobre o fim da Legião; b) evitar comparações com o trabalho da banda; c) valorizar-se como intérprete; d) tentar exorcizar o relacionamento com Scott, de quem nunca mais tivera notícias desde que ele voltara pela segunda e derradeira vez para os EUA.

A turnê de “O descobrimento do Brasil” terminaria tão repentinamente como aconteceu com “V”. Durante um show realizado na cidade de Santos, em 14 de janeiro de 1995, numa casa chamada Reggae Night, uma lata de cerveja atirada pela platéia atingiu Renato Russo. O cantor, como forma de protesto, cantou durante 45 minutos deitado no palco de tal modo que o público só conseguia ver seu braço, quando ele o levantava para olhar as horas. Este seria não só último show da turnê como o último da Legião Urbana.

O ocorrido foi apenas a gota d’água de uma fase na qual Renato novamente entrara. Após um período sem drogas, o compositor voltara a se auto-destruir. Na verdade, ele não suportava mesmo a idéia de ser aquele que os fãs tinham como um messias. Ele mesmo dizia que sempre foi a mesma pessoa, “não sou profeta nem nada, sou cantor de rock’n roll”. Renato insistia em negar a posição de reformador social na qual os fãs o colocaram, embora essa negação só aumentasse ainda mais o culto à sua personalidade, uma vez que essa atitude soava como uma demonstração de humildade.

Numa tentativa de resgate musical e pessoal, Renato embarcou em mais um projeto solo, gravando o auto-referencial “Equilíbrio distante”. Como o próprio

título sugeria, era uma forma do música buscando o equilíbrio que já havia sido perdido, desde que descobrira ser soropositivo.

“Equilíbrio”, lançado em dezembro de 1995, era um trabalho do Renato Russo intérprete, no qual regravou apenas canções em italiano. Era uma forma de resgatar as raízes da sua origem Manfredini.

A Legião, no entanto, não ficou de braços cruzados. Enquanto Renato cuidava do seu projeto solo, a banda remasterizou quase todos os seus discos anteriores – a exceção foi “Músicas p/ acampamentos”, devido à má qualidade sonora. O resultado foi a coletânea “Por enquanto – 1984/1995”, uma caixa de metal que comportava os seis primeiros LPs da Legião, agora gravados em CD, lançada em novembro de 1995.

No início de 1996, Renato Russo tornou a entrar em estúdio com a banda. Das gravações feitas entre janeiro e junho deste ano, resultaram os CDs “A tempestade” e “Uma outra estação” – este último lançado apenas um ano após a morte do compositor. O repertório de ambos nascera de uma única gravação, o que representou uma quebra no esquema que Renato e a Legião mantinham de não se fazerem repetir em trabalhos consecutivos. As 25 canções gestadas naquele período tinham o mesmo perfil: eram introspectivas, subjetivas, praticamente autobiográficas. Nelas, Renato deixara-se expor mais do que nunca.

Lançado em setembro de 1996, “A tempestade” trazia as canções *Natália*, *L'avventura*, *Música de trabalho*, *Longe do meu lado*, *A Via Láctea*, *Música ambiente*, *Aloha*, *Soul Parsifal*, *Dezesseis*, *Mil pedaços*, *Leila*, *1º de julho*, *Esperando por mim*, *Quando você voltar* e *O livro dos dias*.

Em “Uma outra estação”, álbum póstumo lançado em julho de 1997, estavam as músicas *Riding song*, *Uma outra estação*, *As flores do mal*, *La maison dieu*, *Clarisse*, *Schubert Ländler*, *A tempestade*, *High noon (Do not farsake me)*, *Comédia romântica*, *Dado viciado*, *Marcianos invadem a Terra*, *Antes das seis*, *Mariane*, *Sagrado coração* e *Travessia do Eixão*.

O período de gravação foi bastante difícil para todos da Legião, especialmente para Renato Russo. Os sintomas da Aids começando a se manifestar, os terríveis efeitos causados pelos medicamentos tomados na tentativa de inibir esses sintomas, depressão, drogas, bebidas, tudo contribuía para um isolamento ainda maior do cantor e tornava o seu relacionamento bastante difícil com as pessoas que o cercavam.

Fisicamente, o compositor também não estava bem: muito magro, debilitado por não conseguir se alimentar direito e com a voz visivelmente mais fraca. Por esta razão, ia pouquíssimas vezes ao estúdio de gravação e registrava a voz das canções, em sua maioria, de primeira. Voltava ao seu apartamento de onde acompanhava o processo de gravação dos discos.

“Uma outra estação” era uma espécie de disco-testamento, devido a sua diversidade e seu caráter antológico. Tanto que na primeira folha do encarte, Marcelo e Dado anunciavam: “Ouça este disco da primeira a última faixa. Esta é a história de nossas vidas”.

Após a morte de Renato Russo – no dia 11 de outubro de 1996 – foram lançados ainda “Mais do mesmo” (março de 1998), uma antologia póstuma que reunia as várias músicas gravadas ao longo da carreira da Legião Urbana; “Acústico MTV” (outubro de 1999), disco ao vivo que fora gravado sete anos antes, em 28 de janeiro de 1992, para o programa *Acústico MTV*, do qual também resultou um vídeo lançado junto com o CD. Todos os discos foram lançados pela gravadora da Legião Urbana, EMI-Odeon.

Com a morte de Renato Russo, a banda Legião Urbana acabou. Seus integrantes, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá seguiram seus próprios caminhos não longe da música. Dado dedicou ao selo musical Rock It, fundado junto com André Mueller (ex-Plebe Rude) em 1993. A Rock It é uma gravadora independente considerada uma das pioneiras em revelar novos nomes da música pop brasileira.

Além disso, Dado Villa-Lobos foi responsável pelas trilhas sonoras dos filmes *Bufo & Spallanzani* – 2001, direção de Flávio R. Tambellini – e *O homem do ano* – 2002, direção de José Henrique Fonseca. Participou ainda do CD-projeto “Combate Rock – O grande encontro do Rock”, lançado pela Rock It em 2001, ao lado de outros nomes do rock nacional, como Herbert Viana e Evandro Mesquita.

Marcelo Bonfá seguiu carreira como compositor e cantor solo. Seu primeiro CD “O barco além do sol”, foi lançado pela gravadora Trama, em 2000, com uma vendagem superior a 30.000 cópias. Seu segundo trabalho, o CD/DVD “Bonfá + videotracks”, foi um projeto independente lançado pela Giz Produções em parceria com a EMI Music, em 2004. Bonfá continua fazendo shows por todo Brasil.

Há dez anos não existe mais a banda Legião Urbana. No entanto, os punks de Brasília deixaram seu nome marcado na história do BRock e o espírito da Legião permanece vivo entre seus milhares de fãs que sempre tiveram no grupo a sua religião. *Urbana Legio Omnia Vincit*<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> *A Legião Urbana tudo vence* – frase que vinha estampada no encarte de todos os discos da banda, mas que esteve ausente em “A Tempestade”, seu último álbum.